

Termômetro do tempo para o clima e natureza

Ricardo Daehn

Emergência climática, condições dos povos originários, desastres provocados pelo homem, como a extensão da gentrificação e desdobramentos da mineração ilegal servem como bússola para a programação e conteúdo dos longas da 13ª Mostra Ecofalante, atualmente em cartaz, de graça, no Cine Brasília (EQS 106/107). Entre destaques deste fim de semana estão uma obra-prima de Werner Herzog, *O fogo interior*, e *Céu aberto*, melhor produção segundo votos no âmbito latino-americano da mostra Ecofalante.

Quase vinte anos depois de abocanhar inúmeros prêmios no circuito de críticos norte-americanos, com *O homem urso*, dedicado ao excêntrico amor de Timothy Treadwell por ursos (com os quais conviveu, diariamente), o alemão Werner Herzog apresenta um tratado sobre outra paixão inexplícável: a do casal Krafft, pesquisadores incapazes de medir esforços a favor da ciência. Mortos, pela atividade do Monte Unzen (Japão), há 34 anos, eles deram ao mundo, desde os fins dos anos de 1970, um compêndio de imagens suntuosas e únicas. Cada vez mais próximo à linguagem do cinema, o casal francês se aproxima do abstrato de *Fantasia* (o clássico da Disney, de 1940) e deixa efeitos de *Hollywood no chinelo*.

PETER LOWN E JULIEN DUMONT/ DIVULGAÇÃO



DUAS PERGUNTAS // Chico Guariba, diretor da mostra

Qual o tema mais inesperado e que filme é o mais impactante da mostra?

Um dos temas mais diferentes e importantes talvez esteja no filme do Werner Herzog (*O fogo interior: um réquiem para Katia e Maurice Krafft*). Ele mostra a força do magma, de toda a questão dos vulcões, da movimentação das placas tectônicas. Um movimento da natureza e do planeta Terra que é absolutamente incontrolável e que o ser humano tenta entender. É um filme excepcional que mostra essa

força da natureza e que tem consequências que a gente nunca vai poder controlar. É um filme de beleza estrondosa, e com questões muito profundas o filme.

A crise climática está aprofundada em produções específicas?

A questão da crise climática está cada vez mais pauta para todos no mundo. No Brasil, cada vez enches são vistas, há a seca profunda e os incêndios, dado o brutal aumento na temperatura brutal. Fatores

sentidos, por exemplo, em toda a região Norte. As temáticas passam, evidentemente, pela emergência climática com o filme *Solo comum*. Noutro longa (*Arrastando Liberty Square*, de Katja Esson). Nisso há a questão do racismo ambiental. Mudanças climáticas não atingem de forma igual toda população. Há

uma população muito mais vulnerável, a mais atingida. Na mostra temos foco ainda na questão trabalhista e de concentração de renda.

Num ambiente silencioso e rudimentar peruano, o documentarista Felipe Esparza Pérez registra o desencontro de pai e filho separados por uma tragédia. Como num

ritual de punição, o pai segue empregado na quase solitária extração de formações rochosas, desde à época da colonização, valiosas para a economia do Peru. Já o filho parece

investir no futuro, atraído por drones, computadores e afins. É no exame de uma igreja e de preciosidades seculares que o mundo de um parece tangenciar o do outro.

Cena de *O fogo interior*: um réquiem para Katia e Maurice Krafft